

A integração da América Latina como instrumento para recuperação econômica pós-pandemia

Alessandra Cavalcante de Oliveira¹

Resumo: A América Latina sofreu fortemente com os efeitos negativos gerados pelas medidas adotadas para evitar o alastramento do contágio da Covid-19. Na região, observou-se a redução da produção, do comércio internacional, entre outras consequências que levaram à recessão econômica. Para reverter tal cenário, os governos adotaram diversas medidas econômicas anticíclicas. Entretanto, indaga-se: se os países se unissem para enfrentar a crise com a adoção de ações conjuntas seria possível acelerar o processo de recuperação econômica na região? Esse artigo procura mostrar que o aprofundamento da integração regional pode ser uma medida eficaz para acelerar o processo de recuperação da atividade econômica. Isso porque o comércio intrarregional tem um grande destaque para manufaturas, que garantem um maior efeito de transbordamento sobre a economia. Para a análise, parte-se de uma análise quantitativa de dados econômicos e qualitativa sobre cadeias globais de valor para compreender como a integração pode contribuir para a recuperação econômica. O artigo é apresentado em três partes. A primeira seção apresenta os efeitos provocados pela crise sanitária na economia. A segunda parte discute sobre os benefícios que a integração pode trazer. Na terceira seção, são mostradas as ações a serem implementadas para o aprofundamento da integração. O estudo revela a existência de obstáculos possíveis de serem superados desde que haja vontade política. Por esse motivo, mostra-se a urgência de os governos se mobilizem em prol de um projeto regional que poderá beneficiar toda a América Latina.

Palavras-chave: Integração Produtiva; Cadeias globais de valor; Covid-19; América Latina.

The integration of Latin America as an instrument for post-pandemic economic recovery

Abstract: Latin America has suffered greatly from the negative effects generated by the measures adopted to prevent the spread of the Covid-19 contagion. In the region, there was a reduction in production, in international trade, among other consequences that led to economic recession. To reverse this scenario, governments adopted several counter-cyclical economic measures. However, the question is: if countries united to face the crisis with the adoption of joint actions, would it be possible to accelerate the process of economic recovery in the region? This article seeks to show that the deepening of regional integration can be an effective measure to accelerate the process of recovery of economic activity. This is because intraregional trade has a great emphasis on manufactures, which ensure a greater spillover effect on the economy. For the analysis, it starts from a quantitative analysis of economic and qualitative data on global value chains to understand how integration can contribute to economic recovery. The article is presented in three parts. The first section presents the effects caused by the health crisis on the economy. The second part discusses the benefits that integration can bring. In the third section,

¹ Doutora e mestra em Integração da América Latina (PROLAM-USP), professora da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), alesolive@gmail.com

the actions to be implemented to deepen the integration are shown. The study reveals the existence of obstacles that can be overcome if there is political will. For this reason, there is an urgent need for governments to mobilize in favor of a regional project that could benefit all Latin America.

Keywords: Productive Integration; Global value chains; Covid-19; Latin America.

Introdução

Os países do mundo inteiro, inclusive os da América Latina, foram afetados pela crise sanitária e econômica. Para evitar o alastramento da doença, que acabou ceifando milhões de vidas, os governantes de várias localidades promoveram o fechamento de suas fronteiras e estimularam o isolamento social. Tais medidas acabaram gerando efeitos negativos sobre a economia mundial. Na América Latina, observou-se a redução da produção, do comércio internacional, entre outras consequências que levaram à recessão econômica de diversos países.

Para reverter o quadro econômico recessivo, os governos da região passaram a adotar medidas econômicas anticíclicas, ou seja, políticas expansivas com a finalidade de estimular a economia. Com o arrefecimento do isolamento social associado às ações de estímulo econômico, observa-se que os países latino-americanos passaram a dar sinais de recuperação embora estejam longe de alcançar o mesmo nível de desenvolvimento econômico que desfrutavam antes da pandemia.

A partir da compreensão que ainda há um longo caminho para superação completa dos efeitos negativos da pandemia, indaga-se: se os países se unissem para enfrentar a crise com a adoção de ações conjuntas seria possível acelerar o processo de recuperação econômica na região?

A fim de responder ao questionamento, esse artigo tem como objetivo mostrar como o aprofundamento da integração regional pode ser uma medida eficaz para acelerar o processo de recuperação das economias latino-americanas. Isso porque o comércio intrarregional da América Latina tem um grande destaque para as manufaturas, que garantem um maior efeito de transbordamento sobre a economia.

Este estudo parte de uma análise quantitativa de dados econômicos e qualitativa sobre as cadeias globais de valor para compreender como a integração pode contribuir para a recuperação econômica.

O artigo será desenvolvido em três seções. Na primeira parte serão apresentados os efeitos provocados pela crise sanitária na economia para uma melhor compreensão do cenário pós-pandemia. Na segunda seção, será discutido como a integração regional pode contribuir

para a formação de cadeias regionais e quais os benefícios que estas podem trazer para o desenvolvimento econômico. A terceira parte apresenta as principais barreiras ao avanço das cadeias regionais e que são as ações a serem implementadas para o aprofundamento da integração regional. Por fim, são tecidas as considerações finais.

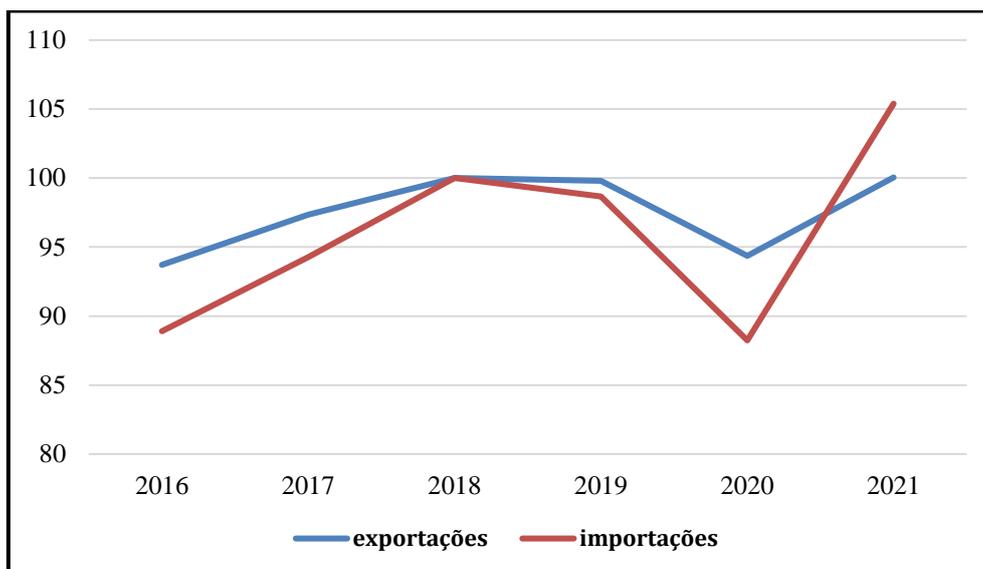
1 O cenário econômico na América Latina durante a pandemia

Com o avanço da pandemia da Covid-19, o mundo inteiro foi afetado pela crise sanitária e econômica. Para tentar conter o avanço da contaminação, os governantes de diversos países promoveram o fechamento de suas fronteiras e estimularam o isolamento social. Alguns tomaram medidas até mais drástica ao decretar *lockdown*², como ocorreu na China, por diversas vezes desde 2020.

Em um mundo globalizado, em que a maioria dos bens são produzidos em redes internacionais, ou seja, com a participação de vários países em diversas etapas da cadeia produtiva, os bloqueios de fronteiras significaram a paralização da produção de muitos bens por falta de insumos (bens primários e intermediários) vindos de outras localidades. A consequência desses bloqueios foi um forte choque de ofertas, ou seja, a diminuição ou até mesmo a falta de diversos produtos. A redução da oferta é observada com a forte retração do volume de comércio internacional no mundo inteiro, inclusive na América Latina, em 2020, como mostrado no gráfico 1.

² É a forma mais rígida de distanciamento social, quando se torna obrigatória imposta por um decreto, por exemplo. As pessoas ficam proibidas de frequentarem locais públicos, sendo permitido apenas sair de suas residências para questões essenciais, como comprar medicamentos, alimentos e se dirigir à hospitais. Cada governante define quais regras a população devem seguir sendo punidas por multas até mesmo prisão em caso de desobediência.

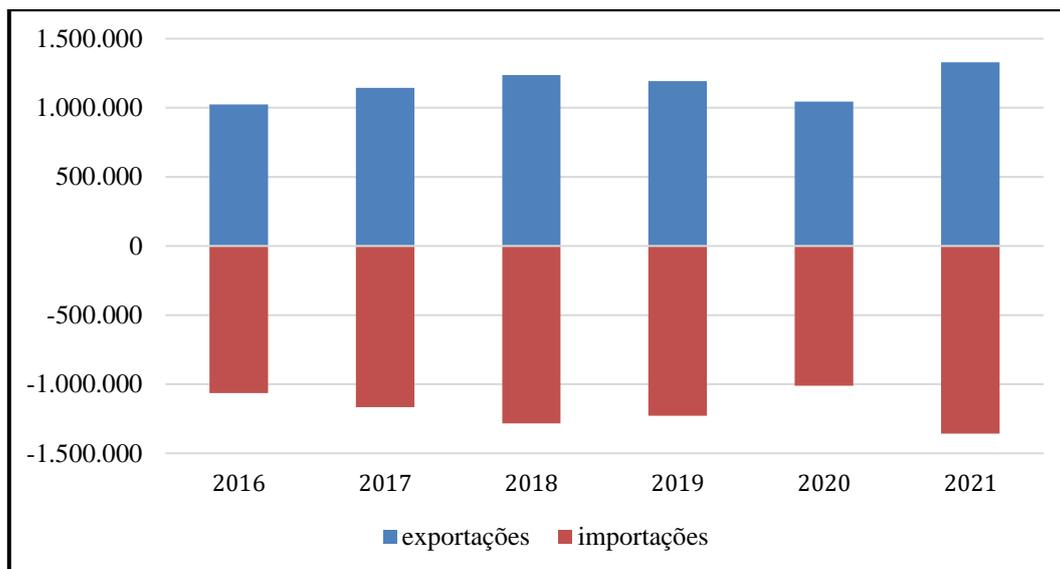
Gráfico 1 - Índice de volume de comércio exterior de 2016 a 2021 (Índice 2018 = 100)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da CEPALSTAT, 2022

O gráfico 1 mostra o índice de volume de comércio internacional (exportações e importações) durante o período de 2016 a 2021. É possível observar uma drástica redução das exportações e importações em 2020, devido à pandemia do coronavírus. E no ano seguinte, 2021, vê-se uma recuperação do comércio em consequência do abrandamento das restrições de isolamento social e dos programas de estímulo econômico adotados por diversos países. Pode se atribuir também ao aumento dos preços de vários produtos primários de exportação, maior demanda de importações da China, dos Estados Unidos e União Europeia. (CEPAL, 2021b, p. 15- 16). Com isso, foi possível um aumento expressivo do volume de comércio, em 2021, em patamar até maior que em anos anteriores, como apresentado nos gráficos 1 e 2.

Gráfico 2 - América Latina: exportações e importações totais, 2016-2021
(milhões de dólares a preços correntes de mercado)

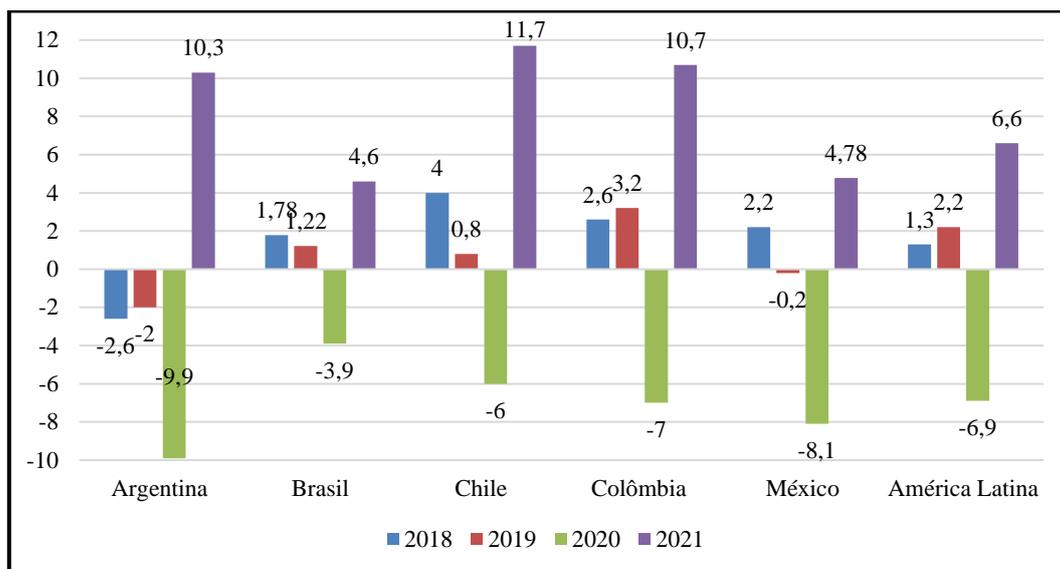


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da CEPALSTAT, 2022

Além disso, ocorreu também uma forte retração da demanda por serviços, que afetou principalmente os setores de turismo, restaurantes e eventos devido às restrições de mobilidade. Em 2020, a América Latina experimentou uma redução de 36% das exportações de serviços, enquanto a de bens foi de apenas 10% (CEPAL, 2021b, p. 15- 16).

A expressiva redução da oferta e da demanda, no período, levou por consequência a desaceleração das economias latino-americanas, inclusive, a retração da produção, ou seja, levando os países a registrem recessão econômica no ano de 2020, como mostrado no gráfico 3.

Gráfico 3 – Variação do PIB, a preço constante, 2018 – 2021 (%), cinco maiores economias da América Latina

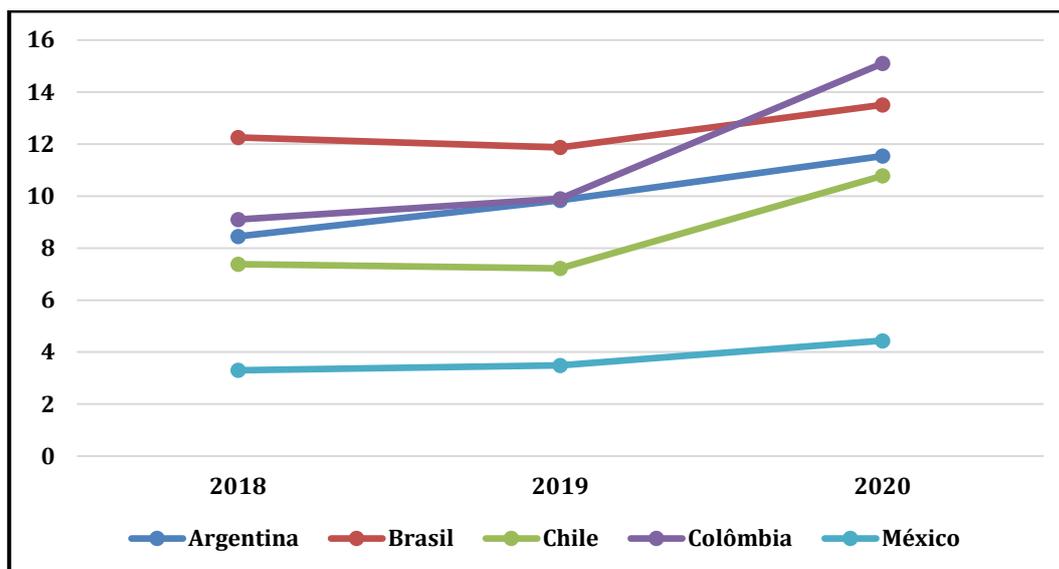


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da CEPALSTAT, 2022

O gráfico 3 mostra que as cinco maiores economias registraram recessão em 2020, com destaque para a Argentina, com uma redução de quase 10% do seu PIB no período. Na média, a América Latina teve uma retração de 6,9% da produção interna. Em compensação, em 2021, os cinco países e a região com um todo, apresentaram recuperação devido ao abrandamento das restrições de isolamento social e dos programas de estímulo econômico adotados.

Como esperado, a retração da atividade econômica também impactou negativamente sobre o nível de emprego. No ano de 2020, a taxa de desocupação aberta na região foi de 10,5, segundo o anuário estatístico da CEPAL de 2021. Entre as maiores economias da América Latina, somente o México ficou abaixo dessa média. Os países Brasil, Argentina, Chile e Colômbia registraram taxas acima de 10% de desocupação nesse ano e superiores as taxas de anos anteriores, conforme apresentado no gráfico 4.

Gráfico 4 – Taxa de desemprego, países selecionados 2018 - 2020³



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da CEPALSTAT, 2022

O gráfico 4 mostra o efeito negativo da recessão econômica. Como é possível observar no gráfico 3, das cinco maiores economias, quatro delas (Argentina, Brasil, Chile e Colômbia) registraram taxa de desemprego acima de 10%, com destaque para a Colômbia, que em 2019, registrava um percentual de 7,22 e passou para 15% no ano seguinte.

Para reverter os efeitos negativos gerados pela pandemia, como já mencionado, os países passaram a adotar medidas anticíclicas, ou seja, políticas expansionistas, com a adoção de pacotes econômicos de estímulo às suas economias. Desse modo, os gastos públicos alcançaram cifras historicamente altas. Os governos ofereceram subsídios e transferências monetárias para apoiar as famílias e o setor produtivo.

As medidas adotadas contribuíram para atenuar o impacto da crise social e econômica, em um contexto marcado pela queda dos ingressos públicos, aumento do déficit fiscal e, por consequência, elevação da dívida pública. Esta última alcançou em média 4,6 do PIB da região. Em alguns países, observou-se um aumento em mais de 10% dos gastos primários⁴, sendo que em quatro deles (Brasil, Argentina, El Salvador e República Dominicana), o crescimento superou a 20%. Para uma compreensão melhor da situação, os gastos totais dos governos da

³ A taxa de desemprego é calculada a partir da população economicamente ativa de cada país, com a exclusão do desemprego oculto.

⁴ Os gastos primários se referem às despesas do governo para promover os serviços públicos, como o pagamento de salários dos funcionários públicos, encargos sociais, entre outros. Neste cálculo não é considerado o pagamento de dívidas, financiamentos e juros.

América Latina alcançaram o nível de 24,7% do PIB da região, o maior desde 1950 quando começaram a ser publicados os dados fiscais (CEPAL, 2021a, p. 13-15).

Os estímulos de uma política expansionista associada ao contexto internacional⁵ têm levado diversos países da América Latina a enfrentarem um ambiente inflacionário. Para combater o novo cenário macroeconômico, as autoridades monetárias da região têm elevado as taxas de juros de referência. Se por um lado, a finalidade é conter a inflação, por outro, acaba prejudicando investimentos importantes para o crescimento econômico dos países. Tal situação pode levar a um novo processo recessivo na região, que ainda não se recuperou por completo dos efeitos negativos provocados pela pandemia.

Diante de cenário econômico mundial mais incerto, como se tem revelado, é importante que os países da América Latina unem esforços. Estudos apontam que fortalecer a integração regional, com a formação de redes de produção, é possível impulsionar o comércio intrarregional e acelerar a recuperação das economias. Este assunto será tratado na próxima seção.

2 A contribuição das cadeias regionais de valor para a recuperação econômica da pandemia Covid-19

Apesar de o avanço das cadeias globais de valor ter possibilitado cada vez mais a fragmentação da produção, ou seja, as etapas de uma cadeia produtiva são distribuídas geograficamente de acordo com as vantagens que cada localização oferece, constata-se uma regionalização do processo produtivo. As empresas multinacionais tendem a concentrar parte da produção de uma grande parte de bens em uma mesma região. Isso ocorre, pois apesar do custo de transporte ter se reduzido, as empresas que adotam o processo de produção *just in time* (VENABLES, 2001), ou seja, trabalha com o mínimo de estoque, necessita que os seus fornecedores estejam próximos. Além disso, tem ocorrido também uma tendência de formação de *cluster* produtivos, em torno da empresa líder, responsável pelo projeto e contratação de fornecedores, que por fim, acaba atraindo outras empresas líderes.

A literatura sobre integração produtiva mostra que a formação de cadeias regionais de produção pode contribuir para o desenvolvimento econômico e social dos países envolvidos.

⁵ Em 2022, o mundo passou a sofrer as consequências da guerra da Ucrânia, elevação do barril de Petróleo, aumento das taxas de juros básicas nos Estados Unidos e União Europeia, e valorização do dólar. Tais acontecimentos têm contribuído significativamente para a aceleração da inflação, além das medidas fiscais anticíclicas adotadas desde 2020.

Isso foi observado a partir da análise de experiências bem-sucedidas de redes de produção estabelecidas na Ásia (articulada inicialmente pelas empresas japonesas e, posteriormente, pelas empresas de origem chinesa), nos blocos União Europeia e Nafta (articulada pelas multinacionais dos Estados Unidos).

Ao participar de redes internacionais de produção, as empresas fornecedoras, de pequeno e médio porte, teriam a possibilidade de se transformar em exportadores ao se tornar cliente de uma empresa multinacional. Além disso, elas poderiam melhorar a qualidade da sua produção, por meio do processo de aprendizagem com as grandes empresas contratantes. Os fornecedores têm a chance de ascender a etapas superiores na cadeia de produção e, com isso, agregar valor à sua produção.

A população dos países integrados a uma cadeia de produção, em etapas de maior valor agregado, pode ser beneficiada também ao acesso a melhores salários, empregos, condições de trabalho e proteção, que, em consequência, levaria a um aumento do bem-estar de seus dependentes e comunidades (BARRIENTOS, GEREFFI, ROSSI, 2010, p.7). Isso ocorre, pois quando as empresas fornecedoras conseguem melhorar a eficiência de sua produção, e assim, produzir bens mais sofisticados ou ascender a funções de maior valor agregado, acabam impactando positivamente os seus trabalhadores.

Ao impulsionar cadeias regionais de valor, os países podem aproveitar o efeito de transbordamento, quando uma atividade econômica impacta positivamente diversos setores ligados indiretamente. Isso ocorre principalmente na indústria manufatureira, que possui uma maior capacidade de gerar encadeamentos, ou seja, um número maior de etapas de produção (CEPAL, 2014).

O comércio intrarregional da América Latina é intensivo em manufaturas e possui uma grande presença de micro, pequenas e médias empresas (PME). No período de 2015 a 2018, por exemplo, o número de firmas latino-americanas que exportaram para dentro da própria região, flutuou entre 31% e 84% do universo total de empresas exportadoras em oito países da América Latina. Tais características revelam o potencial de se desenvolver cadeias regionais de valor (CEPAL, 2020a, p. 15; CEPAL, 2020b, p 12). As redes de produção possibilitariam que os países latino-americanos passassem a produzir mais bens intermediários das indústrias manufatureis, e assim, tornassem-se menos dependentes da exportação de bens primários.

Dados aos benefícios advindos na formação de cadeias regionais de valor, mostra-se a relevância de os países latino-americanos fortalecerem a integração para a promoção do desenvolvimento econômico. Isso porque o mercado regional possibilitaria em atingir escalas

mais eficientes de produção e a utilizar as complementaridades entre os países (CEPAL, 2020b).

Assim, a integração regional poderia desempenhar um papel importante como estratégia para os países da América Latina superarem mais rapidamente os efeitos negativos gerados pela crise da pandemia.

Um relatório da CEPAL (2020a, p. 22) afirma que a consolidação do mercado regional, composto por cerca de 650 milhões de pessoas, proporcionaria aos países, um importante seguro frente a perturbações de oferta e de demanda. Além disso, haveria a possibilidade de fortalecer indústrias estratégicas para região e, assim, reduzir a vulnerabilidade da América Latina diante a interrupção de fornecimento de insumos, como ocorreu com a pandemia do coronavírus. E como já citado, poderia contribuir para atenuar a reprimarização da estrutura produtiva, que se tem observado nas últimas décadas com a intensificação do comércio com a China.

A região avançou significativamente na liberalização comercial. A maior parte do comércio de bens entre os países sul-americanos é isento de tarifas, tal como entre o México e a América Central. Nas últimas décadas, observou-se também um grande avanço normativo em temas de facilitação comercial, contratação pública, comércio eletrônico e o tratamento de investimento estrangeiro (CEPAL, 2020b, p. 12).

Apesar de terem ocorrido avanços fundamentais para impulsionar cadeias regionais de valor, a participação do comércio intrarregional nas exportações totais da América Latina tem mostrado uma tendência de redução desde 2014. Alguns dos fatores que procuram explicar a retração do comércio intrarregional seriam: a carência de arranjos institucionais sólidos, a fragmentação do espaço econômico regional, o aumento de acordos comerciais com parceiros de fora da região e a China, que vem se destacando como um dos principais parceiros comerciais dos países da América do Sul (CEPAL, 2020b, p.12). O país chinês é o principal parceiro do Brasil, desde 2009, e tem se destacado também nas primeiras posições de outros países da região (COMTRADE, 2022).

Para reverter a tendência de redução do comércio intrarregional e impulsionar as cadeias regionais de valor, é fundamental que os países da região se unam para superar os obstáculos existentes. Na seção a seguir serão discutidas as principais barreiras que têm dificultado a formação de redes regionais de produção e quais medidas devem ser priorizadas.

3 Barreiras ao avanço das cadeias regionais na América Latina

Apesar de terem ocorrido avanços fundamentais para impulsionar as cadeias regionais há alguns passivos a serem resolvidos. Portanto, para que a região consiga aprofundar a integração econômica e produtiva é imprescindível que os obstáculos existentes sejam superados ou amenizados.

Em primeiro lugar, muitos estudos procuram explicar a reduzida integração produtiva na região ao fato da América do Sul contar com uma dotação abundante de recursos naturais. Tal característica tem levado os países da sub-região a explorarem suas vantagens comparativas, principalmente, com a intensificação do comércio com a China, grande compradora de bens primários.

Além do padrão do comércio que desestimula uma maior integração produtiva, há também barreiras geográficas, como a Cordilheira dos Andes e Amazônia. Elas prejudicam a comunicação e distribuição espacial, de forma equilibrada da população e da atividade econômica na América do Sul (LIMA; ZACLICEVER 2013, p. 53-55, CEPAL, 2014, p. 17).

Em relação ao México e aos países da América Central, estes estão inseridos nas redes de produção dos Estados Unidos, devido à proximidade geográfica e por oferecerem mão de obra de menor custo (LIMA; ZACLICEVER 2013, p. 53-55, CEPAL, 2014, p. 17). Esses fatores têm desestimulado uma maior integração produtiva com os países sul-americanos. Mesmo com a participação do México no bloco Aliança do Pacífico, que conta com três integrantes da América do Sul, não tem refletido em um maior volume de trocas comerciais com a sub-região. A explicação estaria na falta de complementariedade entre eles e insuficientes ações por parte dos quatro governos para reverter este quadro.

Outros fatores também relevantes, que têm dificultado o avanço das cadeias regionais de valor seria a grande carência de infraestrutura (transportes, logística, comunicações e energia) (LIMA; ZACLICEVER 2013, p. 53-55, CEPAL, 2014, p. 17). Uma infraestrutura inadequada dificulta a fragmentação da produção, pois o custo de produção se eleva e as empresas perdem competitividade. Desse modo, as multinacionais irão buscar localidades que garantam uma maior eficiência.

De acordo com a CEPAL (2020b, p. 15), entre 2008 e 2017, o investimento privado em infraestrutura atingiu apenas 0,3% do PIB, enquanto o setor público destinou em média 1,3%. Os recursos destinados são insuficientes para atender as necessidades da região. O estudo da Comissão estima que para atender o crescimento da América Latina seria necessário um

investimento de aproximadamente 2,2% do PIB, entre 2016 e 2030, para manutenção da infraestrutura existente e a realização de novas obras.

Outro problema com relação aos investimentos em infraestrutura é que estes tendem a concentrar-se nos grandes corredores de transporte e núcleos urbanos. Desse modo, as zonas periféricas e rurais, que também necessitam de uma melhor conectividade, deixam de ser atendidas. Assim, gera-se um desequilíbrio territorial e eleva-se o custo logístico para o transporte de insumos produzidos nas zonas rurais mais remotas. Por consequência, os produtos dessas regiões não conseguem chegar aos mercados a preços competitivos (CEPAL, 2020b, p. 15). Portanto, é de suma importância que ocorra uma mudança no padrão de investimentos para que as obras de infraestrutura sejam realizadas de forma mais equilibrada.

Existe ainda a insuficiência de políticas nacionais em educação, ciência e tecnologia, além da internacionalização das micro, pequenas e médias empresas. Em relação a elas, agilizar os procedimentos transfronteiriços contribuiria para que elas se tornassem exportadoras nas cadeias regionais de valor. Para dar uma agilidade nas alfândegas é importante também avançar em um acordo de reconhecimento mútuo entre os mecanismos nacionais de Operador Econômico Autorizado dos países, acelerar a interoperacionalidade dos guichês únicos nacionais de comércio exterior e a certificação digital de origem (CEPAL, 2020b, p. 15).

Parte das medidas de facilitação de comércio já ocorrem entre os países de um mesmo bloco. Para impulsionar as cadeias regionais de valor é primordial que esses acordos se estendam para todos os países da região. Por esse motivo, é importante que ocorra uma convergência entre os diversos esquemas regionais existentes na região. Neste sentido, algumas medidas adotadas como emergenciais durante a crise sanitária, como a aceitação de certificados fitossanitários eletrônicos e a redução de inspeções físicas, poderiam se tornar permanentes (CEPAL, 2020b, p. 15).

Considerações finais

O artigo teve como objetivo mostrar como o aprofundamento da integração regional pode ser uma medida importante para acelerar o processo de recuperação das economias latino-americanas. Para tanto, o presente estudo foi desenvolvido em três partes.

Na primeira seção, foi mostrado como a pandemia afetou economicamente os países da América Latina. Como visto, na tentativa de conter o alastramento do contágio, os países adotaram medidas de isolamento social, que levaram a um choque de oferta e de demanda. A

consequência foi a redução drástica do comércio, da atividade econômica, que levaram os países a recessão econômica e ao aumento da taxa de desemprego. Para enfrentar a crise, a seção mostrou que os governos da região passaram a adotar diversas medidas anticíclicas, que se por um lado ajudou a amenizar os efeitos negativos da pandemia, por outro, contribuiu para a geração de expressivos déficits públicos, o aumento do endividamento e a elevação da inflação.

A segunda seção teve como finalidade discutir que os países ao invés buscarem de forma isolada superar a crise, poderiam unir esforços a partir do fortalecimento da integração regional. Em um mundo em que os processos de produção são cada vez mais regionalizados, os países poderiam ser beneficiados ao impulsionar cadeias regionais de valor. Desse modo, esta parte procurou mostrar como a inserção em cadeias produtivas podem acelerar o processo de recuperação dos países ao aproveitar os efeitos positivos que levam ao desenvolvimento econômico e social.

Na terceira e última parte do artigo, foram discutidas as principais barreiras ao avanço das cadeias regionais e quais ações devem ser implementadas para o aprofundamento da integração regional. Foi mostrado que ao longo das décadas a região avançou em temas relevantes para a promoção da integração produtiva, como a liberalização comercial na região e a adoção de medidas de facilitação de comércio dentro dos blocos comerciais.

Na última parte, foram discutidas também as principais barreiras a serem superadas e as medidas que devem ser implementadas para impulsionar as cadeias regionais de valor. Entre as principais ações foram citadas a necessidade de promover convergência dos acordos de facilitação comercial para toda região, de investir de forma eficiente em infraestrutura e em educação, por exemplo.

Como foi tratado ao longo do artigo, o fortalecimento da integração regional é necessário para que a América Latina possa impulsionar cadeias regionais e, assim, aproveitar os efeitos positivos de se inserir de forma eficiente nas redes de produção. Entretanto, o que se tem observado é a redução do comércio intrarregional devido aos obstáculos existentes, além de outros fatores como a intensificação do comércio com China, que importa basicamente bens primários da região.

Diversos estudos mostram o quanto a América Latina poderia ser beneficiada se os governos assumissem com seriedade o compromisso de fortalecer a integração regional. Mas ao contrário disso, o que se observa é que a cada mudança de governo ou o surgimento de dificuldades macroeconômicas faz com que os projetos sejam descontinuados após alguns anos.

Portanto, somente quando a integração na América Latina for considerada um projeto de Estado será possível avançar de fato na consolidação das redes de produção e, assim, diversificar a estrutura produtiva e se tornar menos dependente da exportação de bens primários.

Bibliografia

BARRIENTOS, S.; GEREFFI, G.; ROSSI, A. **Economic and Social Upgrading in Global Production Networks: Developing a Framework for Analysis**. Capturing the gains. [S.I]: International Labour Review. 2011. Volume 150. Publicação 3-4; Disponível em: <http://www.capturingthegains.org/pdf/ctg-wp-2010-03.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2015.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE (CEPAL). **Integração Regional: Por uma estratégia de cadeias inclusivas**. Santiago do Chile: Nações Unidas. 2014. Disponível em: <http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/3/52743/Integracaoregional.pdf>. Acesso em: 27 maio 2014.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE (CEPAL). **Los efectos del Covid-19 en el comercio internacional y la logística**. Nº 6 - Informe Especial Covid-19. Santiago: Nações Unidas, 2020a. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45877/1/S2000497_es.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE (CEPAL). **Panorama Fiscal de América Latina y el Caribe: los desafíos de la política fiscal en la recuperación transformadora pos-COVID-19**. Santiago del Chile: Nações Unidas, 2021a. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/46808/1/S2100170_es.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE (CEPAL). **Perspectivas do Comércio Internacional da América Latina e do Caribe: a integração regional é a chave para recuperação pós-crise**. Santiago do Chile: Nações Unidas, 2020b. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/46627/1/S2000806_pt.pdf. Acesso em: 20 de jun. 2022.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE (CEPAL). **Perspectivas del Comercio Internacional de América Latina y el Caribe: un busca de una recuperación resiliente y sostenible**. Santiago: Nações Unidas, 2021b. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/47535/1/S2100998_es.pdf. Acesso em 20 de jun. 2022.

LIMA, J.D.; ZACLICEVER, D. **América Latina y el Caribe en las cadenas internacionales de valor**. Santiago de Chile: Nações Unidas. 2013. (Serie Comercio Internacional) Disponível em:

<https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/35879/LCL3767.pdf?sequence=1&isAlloved=y>. Acesso em: 10 jun. 2022.

VENABLES, A. J. **Geography and International Inequalities**: the impact of new technologies. 2001. *Journal of Industry, Competition and Trade*. [S.I]: [s.n]2001. Volume 1, n°2. pp. 135-159. Disponível em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.18.1571&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 17 nov. 2015.